



**CAMINHOS METODOLÓGICOS EM UMA DISSERTAÇÃO SOBRE
PROFESSORAS PRETAS**

**METHODOLOGICAL PATH IN A DISSERTATION ON BLACK TEACHERS
WOMEN**

**CAMINOS METODOLÓGICOS EN UNA DISERTACIÓN SOBRE MAESTRAS
NEGRAS**

**CHEMINS MÉTHODOLOGIQUES DANS UNE DISSERTATION SUR LES
PROFESSEURES NOIRES**

Izabel Espindola Barbosa

Mestra, Universidade Federal do Rio Grande FURG; Instituto Federal Farroupilha,
Rio Grande do Sul, Brasil.

izabel.eu.eb@gmail.com



<https://orcid.org/0000-0002-6519-3144>

Raquel Pereira Quadrado

Pós-Doutora, Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra (Portugal);
Universidade Federal do Rio Grande FURG, Rio Grande do Sul, Brasil.

raquelquadrado@hotmail.com



<https://orcid.org/0000-0003-0205-7783>

Eliane Almeida de Souza

Pós-Doutora, Universidade Federal do Rio Grande FURG; Instituto Federal Farroupilha, Rio Grande
do Sul, Brasil.

negrasim2004@yahoo.com.br



<https://orcid.org/0000-0002-6886-9680>

Recebido em: 14/12/2022

Aceito para publicação: 17/05/2023

Resumo

Mergulhar na realidade do mundo das professoras negras foi um dos mais potentes desafios encontrados ao longo deste percurso de pesquisa. Através deste estudo, desenvolvido na linha de pesquisa identidades, culturas e diferenças do Programa de Pós-Graduação em Educação, PPGedu, das professoras negras e suas vivências através delas próprias, dentro de uma visão do pensamento feminista negro na educação, foi possível pensar uma investigação com o método da história oral como

base em uma pretensa metodologia de descolonização epistêmica. Utilizando-se epistemologias de autores e autoras com escritas densas sobre as questões afro-diaspóricas, afro-feministas e afro-brasileiras. Uma epistemologia com princípios referentes à: experiência vivida como critério de significação; o uso do diálogo para avaliar o conhecimento; ética do cuidado nas emoções; ética da responsabilidade pessoal; e as mulheres negras como agentes do conhecimento. Ao investigar com esse olhar, não foi uma mulher guerreira, mas cinco que inspiraram discutir modos de fazer pesquisa sobre ela e com elas. Dessa forma, aqui trazem-se notas de uma dissertação de mestrado, com recorte na construção metodológica para transgredir, ao menos um pouco, o sistema pouco flexível da academia. Reitera-se que é uma proposta construída sob aprendizados e saberes, desse modo, como homenagem em cada seção, utiliza-se uma frase dita pelas co-autoras professoras negras que contribuíram nesse processo.

Palavras-chave: professoras negras, metodologia, epistemologia, pesquisa.

Abstract

Diving into the reality of the world of black women teachers was one of the most powerful challenges I encountered along this research path. Through this study developed in the research line identities, cultures and differences of the Graduate Program in Education, PPGEduc, of black women teachers and their experiences through themselves, within a vision of black feminist thought in education, it was possible to think of an investigation with the method of oral history as the basis of an alleged methodology of epistemic decolonization. Using epistemologies from women authors and authors with dense writings on Afro-diasporic, Afro-feminist and Afro-Brazilian issues. An epistemology with principles referring to: lived experience as confirmed of significance; the use of dialogue to assess knowledge; ethics of care in emotions; ethics of personal responsibility; as black women as agents of knowledge. When investigating with this look, it was not one warrior woman, but five who inspired us to discuss ways of doing research about her and with them. Thus, here we bring notes from a master's dissertation, with a focus on the methodological construction to transgress, at least a little, the inflexible system of the academy. We reiterate that it is a proposal, built on learning and knowledge that, as a tribute in each section, a sentence dictated by women black teachers who collaborated in this process.

Key words: black women teachers, methodology, epistemology, research.

Resumen

Sumergirme en la realidad del mundo de las maestras negras fue un desafío poderosos que encontré a lo largo de este camino de investigación. Mediante los estudios realizados en la línea de investigación sobre identidades, culturas y diferencias del Programa de Posgrado en Educación, PPGEduc, las maestras negras y sus experiencias a través de sus propias vidas, dentro de una visión del pensamiento feminista negro en educación, se logró pensar una investigación con el método de la historia oral como base de una supuesta metodología de descolonización epistémica. Utilizar epistemologías de autoras con escritos densos sobre cuestiones afro-diaspóricas, afro-feministas y afrobrasileñas. Una epistemología con principios referidos a: la experiencia vivida como criterio de sentido; o uso del diálogo para respaldar o estar de acuerdo; ética del cuidado de las emociones; ética de la responsabilidad personal; Mujeres negras como agentes de conocimiento. Para investigar con esta mirada, no hubo una mujer guerrera, sino cinco que inspiraron a discutir formas de investigar sobre ellas y con ellas. Así, aquí sacamos apuntes de una disertación de maestría, con cortes en la construcción metodológica para transgredir, al menos un poco, el inflexible sistema de la Universidad. Reiteramos que es una propuesta, construida a partir de lo aprendido y saberes que, como homenaje a cada sección, utiliza una frase de las maestras negras que contribuyeron a este proceso.

Palabras clave: maestras negras, metodología, epistemología, investigación.

Résumé

S'immerger dans la réalité du monde des professeures noires a été l'un des défis les plus puissants que j'ai rencontrés tout au long de ce cheminement de recherche. À travers cette étude développée dans la ligne de recherche identités, cultures et différences du Programme d'études supérieures en éducation, PPGEdU, des professeures noires et de leurs expériences à travers eux-mêmes, dans une vision de la pensée féministe noire en éducation, il a été possible de penser à une enquête avec la méthode de l'histoire orale comme fondement d'une prétendue méthodologie de décolonisation épistémique. Utiliser les épistémologies d'auteurs avec des écrits denses sur les problématiques afro-diasporiques, afro-féministes et afro-brésiliennes. Une épistémologie avec des principes se référant à : l'expérience vécue comme critère de sens ; l'utilisation du dialogue pour évaluer les connaissances; éthique du soin dans les émotions ; éthique de la responsabilité personnelle; les femmes noires en tant qu'agents du savoir. En enquêtant avec ce regard, ce n'est pas une femme guerrière, mais cinq qui nous a inspiré pour discuter des moyens de faire des recherches sur elle et avec elles. Ainsi, nous apportons ici des notes d'un mémoire de maîtrise, en mettant l'accent sur la construction méthodologique pour transgresser, au moins un peu, le système inflexible de l'académie. Nous réitérons qu'il s'agit d'une proposition, fondée sur l'apprentissage et la connaissance que, comme un hommage dans chaque section, une phrase est utilisée par les co-auteurs enseignants noirs qui ont contribué à ce processus.

Mots clés: professeures noires, méthodologie, épistémologie, recherche.

1 SAI DA MINHA FRENTE QUE EU TÔ PASSANDO

As professoras em diversas situações sabem que, embora tenham muita responsabilidade dentro da educação, a luta antirracista é algo muito além. Pela historicidade e experiências vividas, cada pessoa encara sua dor e resiste, persiste, como pode. Chamem-nas negras, afinal, toda a potência histórica dessas mulheres, negras, professoras que carregam a luta feminista, antirracista, trabalhista junto a tantas outras intersecções (idade, religião, cultura, maternidade...) reiteram que “é da mulher negra o coração do conceito de interseccionalidade” (AKOTIRENE, 2019, p. 24) como “sofisticada fonte de água, metodológica, proposta por uma intelectual negra, por isso é tão difícil engolir os seus fluxos feitos mundo afora” (AKOTIRENE, 2019, p. 114).

Ao propor o projeto, parecia ser simples encontrar professoras negras para a pesquisa de um mestrado. Entretanto, ao se buscar alguns nomes, o vazio permanecia como um bloqueamento ideológico mostrando-se parte do racismo estrutural, ou seja, era um bloqueador da fluidez da pesquisa. Dessa forma, foi preciso estabelecer contatos prévios e com figuras de destaque do Movimento Negro local da região oeste do estado do Rio Grande do Sul. As primeiras professoras entrevistadas indagavam sobre outras possíveis colaboradoras, apresentando e facilitando a escolha, com nomes unânimes de representações de “professoras pretas”. Notou-se que representatividade importa sim, ao menos aos olhos (outros) da pesquisa.

Estas cinco professoras do interior do Rio Grande do Sul trouxeram suas vivências pessoais e profissionais, com seus nomes reais, para demarcar onde estão. Aqui, neste texto, não são seus nomes, mas frases retiradas de suas narrativas que demarcam essa construção na forma de subtítulos. Sendo este artigo parte dos caminhos metodológicos da dissertação, elas foram guias neste trajeto. Com isso, não são um perfil ou uma estatística numérica, são reais, dado que “em cada um dos rostos negros que encontro em minha caminhada, pulsa uma esperança

de vida que desafia a violência do racismo” (CARNEIRO, 2011, p. 85).

Racismo que se apresenta na escrita, na fala cotidiana. Racismo que traz ambiguidades ao aceite de que muitos, inclusive na família, mantém os imaginários de branqueamento. Elas. O fato é que ter professoras negras durante a jornada escolar, em qualquer nível, desacomoda e incomoda o *status quo*. Não sendo possível negar suas presenças, por vezes negam a elas a visibilidade de sua negritude.

A discussão de temas oriundos do movimento negro brasileiro prima pelo reconhecimento histórico da pauta negra como resistência política, com o método da história oral como base para uma metodologia de descolonização epistêmica, utilizando epistemologias de autoras e autores com escritas densas sobre as questões afro-diaspóricas, afro-feministas e afro-brasileiras. Uma epistemologia com princípios referentes à: experiência vivida como critério de significação; o uso do diálogo para avaliar o conhecimento; ética do cuidado nas emoções; ética da responsabilidade pessoal; e as mulheres negras como agentes do conhecimento (CARNEIRO, 2019).

Ao pesquisar-se professoras negras pelas suas próprias palavras, ficava difícil encaixar uma metodologia usual que carrega muito da eurocentricidade, a branquitude e o machismo em autorias de referências acadêmicas. Com isso, era preciso fazer um caminho alternativo.

2 AQUELE MOMENTO QUE A GENTE SE DÁ DE CONTA QUE ESTÁ NO MUNDO E QUE A GENTE É DIFERENTE

Na pesquisa acadêmica, a estrutura da metodologia tem um planejamento linear de definição do foco, do referencial teórico, da análise de dados e das considerações do pesquisador. Esse modelo sequencial amplamente difundido na academia, por vezes, não garante a plena satisfação dos resultados. Sem fugir do formato normativo, a pesquisa em educação precisa ser mais flexível, visto que, além do sujeito da pesquisa, o contexto e o caminho investigativo são analisados, buscando não o resultado, mas a maneira que o processo ocorre (CARNEIRO, 2019; CARRERA; INCIARTE; MARÌN, 2012; MEIHY; RIBEIRO, 2011).

O planejamento foi um roteiro não utilizando perguntas, mas temas geradores (FREIRE, 1994). A intervenção visava manter o foco na questão, assim, o roteiro apenas sugeria temas. Ao pensar o roteiro de temas dos encontros, a ideia de conversa não priorizou uma ordem cronológica ou de hierarquia de temas. Isso porque acredita-se na flexibilidade dos caminhos metodológicos que proporcionam leques de temas levantados nas entrevistas, os quais apenas complementam o entendimento do pesquisador diante do sujeito protagonista da pesquisa e seus espaços de vivência.

A etnografia procura apontar as relações entre fenômenos sociais entre grupos, enxergar as variações como abrangente, “qual é a abrangência das variações de X ou de Y?”. Uma comparação constante entre “todas variáveis” (MATTOS, 2012). Foram utilizadas ferramentas como observação, entrevistas, não com objetivo de analisar a cultura, e sim o processo.

Meihy e Ribeiro (2011) alertam sobre não confundir entrevistas isoladas com história oral, visto que, embora a entrevista seja parte da construção, o projeto é o primeiro ato do método; a sistematização do processo orientado de entrevistar um grupo que tenha algo a dizer ou que tenha dito sem a devida escuta. Dessa maneira, a entrevista é um meio de análise que contém diversos fins, possíveis aplicações presentes e futuras, onde “tudo interessa num processo de

gravação de entrevistas, assim o modo narrativo se destaca como contribuição única capaz de marcar o encontro” (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p. 13).

As entrevistas, datas, espaços e o tempo de duração com cada professora preta deuse pelo entusiasmo ou o esgotamento das entrevistadas, assim como a necessidade de informações complementares ou elementares, considerando que por vezes, ao contar sua própria história haja uma ruptura do silêncio no depoimento das mulheres. Em especial das mais silenciadas, mais marginalizadas, mais oprimidas como camponesas, indígenas e negras. O relato pode afetar a narrativa quando, pela ruptura, busca-se a aproximação de histórias de outras mulheres que também passaram por essas situações. As histórias de vida dessas mulheres trazem histórias da família, antepassados e descendentes, que se entrecruzam em momentos sociais e culturais vivenciados (BARBOSA, 2021, p. 37).

As entrevistas foram gravadas em áudio, autorizado, das professoras pretas e escuta atenta da pesquisadora. Também, escuta do relato e do entorno e a transcrição através de análise da conversa (AC), com a grafia padrão para não incorrer “no erro de tornar algo relevante e exótico somente no mundo da grafia, que não é absolutamente relevante e real para os participantes, no aqui e agora do encontro” (GAGO, 2002, p. 11).

Após a transcrição, a análise seguiu os usos de ferramentas etnográficas, tipo etnográfica que, nos dizeres de André (2009, p. 24), “o que se tem feito pois é uma adaptação da etnografia à educação, o que me leva a concluir que fazemos estudos do tipo etnográfico e não etnografia no seu sentido estrito”. Por isso, a análise será tipo etnográfica, dado que não atende os requisitos de comparação, organização, nem variação entre relações humanas da etnografia.

A análise encontra apoio no pretuguês de Lélia Gonzalez, acolhendo as falas pelas nuances amefricanas que valorizam as escrevivências, assim como Conceição Evaristo, com ênfase nas memórias e testemunhos que Maya Angelou bem representa. Ou seja, essas narrativas de histórias contadas e recontadas pelas mulheres ancestrais que educavam pela vivência, transmitindo lutas, de forma oral, bem antes de conceitos, sobre ser mulher, ser preta, mulheres negras que, como Nilma Lino Gomes, investem na educação como forma de RE existir em meio oposto. Para Collins (2020, p. 153), utilizar diálogos, encontros e conexões como critério de adequação metodológica é uma herança africana, pois

As pessoas se tornam mais humanas e empoderadas primariamente no contexto comunitário, e apenas quando elas [...] buscam o tipo de conexões, interações e encontros que conduzem à harmonia’. O poder da palavra, em geral, e o diálogo, em particular, permitem que isso ocorra.

O encontro de professoras negras foi além de ficar diante delas, porém conhecer algumas de suas vivências, unir-se aos seus anseios e inspirar-se com suas experiências. Encontrar significa, aqui, descobrir; passar a conhecer; tornar unido. Como destaca Vergès (2020, p. 40), na política decolonial, as feministas precisam “desenvolver ferramentas próprias de difusão e de conhecimento: por meio de blogs, filmes, exposições, festivais, encontros, obras” entre outros.

2.1 O Movimento Negro contribui muito para esta minha formação enquanto mulher negra, enquanto professora

Para delinear os caminhos, os diálogos estabelecidos sobre a cultura afro-brasileira a partir dos territórios geográficos e sociais das mulheres pesquisadas foram importantes. Desse modo, trazem-se as discussões, aspectos sobre raça e gênero no Rio Grande do Sul.

O Rio Grande do Sul foi incorporado ao Brasil no século XVIII, após as Guerras Guaraníticas. A origem do mito gaúcho deu-se após 1940, com as políticas anticolonialistas, quando inventou-se uma história de bravuras e uma referência europeia. Sobre isso, Golin (2016, p. 58) fala que “as nossas raízes são um devaneio tão grande que, à luz da informação histórica, você fica sem raiz. Fica sem imagem dos seus antepassados”. O gaúcho, mítico, é valente, homem do campo, com roupas e traços europeus, e seus ideais eram os mesmos da Revolução Francesa. Seu companheiro de batalhas era o cavalo e suas lutas eram exemplos a serem seguidos:

Qual é o problema disso? As suas implicações é que hoje vigora um complexo sistema de controle do imaginário coletivo associado a uma cultura de massa, em uma identidade de gentílico pilchado, alimentada constantemente por ritos de comportamentos, artísticos, cívicos, educacionais, etc. (GOLIN, 2016, p. 62).

Pode ser estranho, mas não há como pesquisar a pouca representação de professoras pretas na educação formal, principalmente em níveis de ensino superior, sem considerar o território geográfico e o território de resistência negra. Conforme Leite (2016, p. 48), “o nosso pensamento é muito europeu. Por isso nós também não valorizamos o índio, por isso não valorizamos o negro, mas valorizamos muito o europeu”.

Macedo (2016) destaca que as trajetórias negras sempre estiveram fora da história oficial, pois, quando constam personagens, é comum negar a vinculação racial. Por muitos motivos e basicamente construções históricas, mulheres também não tem lugar de escuta e, por faltas de exemplos vívidos, estão cercadas de não-lugares. São esquecidas dos livros de história ou colocadas em estereótipos sexualizados quando se fala da mulher negra.

Ao digitar na ferramenta Google na internet pelas palavras “mulheres negras”. Eis que as primeiras referências são violência contra a mulher. Quando a busca é por professoras negras, apareciam relatos localizados. Ao delimitarmos a pesquisa a fronteira oeste do Rio Grande do Sul, embora violência ainda apareça, as lutas, os seminários de estudos e de representação começam a surgir, inclusive sobre o Movimento Negro de Uruguaiana. Dados do Censo do IBGE 2010 apontam que no Estado do Rio Grande do Sul, pouco mais de 18% da população é afrodescendente. Ele é o segundo estado com menor representação negra no Brasil, ficando atrás apenas de Santa Catarina. Em um estudo do IBGE publicado em 2013, foram analisados dois pontos da declaração de cor/etnia: a autodeclaração (realizada pelo entrevistado) e a heteroidentificação (realizada pelo entrevistador). O estudo destaca dois pontos referentes no Rio Grande do Sul: a maior utilização da palavra negra ao invés preta na autodeclaração (quando perguntados se eram brancos, pretos, pardos, amarelos ou indígenas) e a maior utilização da categoria branca do que morena na heteroidentificação (quando o entrevistador marcava a categoria). O primeiro ponto,

a escolha da categoria negra, demonstra que aqueles que se autodeclararam (se reconhecem) negros foram maioria do que os que se declaram pretos. O outro apresenta o entrevistador (o que observa) e afirmou que viu entre os autodeclarados “morenos” pessoas brancas (BARBOSA, 2021, p. 50).

Na universidade, assim como ingresso e permanência, exige-se discutir sobre o que faz parte da luta antirracista. “Deve o negro assimilar e reproduzir tudo que é eurobranco? Ou só transar o que é afronegro? Ou somar os dois? Ou ter uma visão crítica de ambos?” (RATTS; RIOS, 2010, p. 73).

Por essa razão, pensar o caminho metodológico na perspectiva do que Collins cunhou como pensamento feminista negro, nas palavras de Carneiro (2019, p. 183),

A feminista negra norte-americana Patricia Collins argumenta que o pensamento feminista negro seria um conjunto de “experiências e ideias compartilhada por mulheres afro-americanas que oferecem um ângulo particular de visão do eu, da comunidade e da sociedade [...] ele envolve interpretações teóricas da realidade de mulheres negras por aquelas que a vivem”. A partir dessa visão, Collins elege cinco temas como fundamentais que caracterizam o ponto de vista feminista negro: 1 o legado de uma história de luta; 2 a natureza interligada de raça, gênero e classe; 3 o combate aos estereótipos ou “imagem de controle”; 4 a atuação como mães, professoras e líderes comunitárias; 5 e a política sexual.

Carneiro (2019) reforça que o pensamento feminista negro potencializa reflexões para uma ação política que diminua a hegemonia do pensamento ocidental (masculino branco eurocêntrico), possibilitando o aumento da dimensão humana do ser mulher. Dessa forma, retorna-se à fôrma que a metodologia de pesquisa por vezes exige, colocando pitadas de revolução.

A metodologia apresentada na dissertação apresentou contribuições de diversos autores que, por vezes, aproximam-se, outrora afastam-se, proporcionando uma dialética crítica e reflexiva, que fosse capaz de sair do controle eurocêntrico e absolutista presente na academia. Tem-se as que se atrevem a buscar outridades ancoradas em outras epistemologias, nas quais os pontos de partida sejam conhecimentos pré-existentes, mesmo que estes ainda sejam relegados pela educação formal com o desafio de romper com a colonização.

3 A GENTE TEM QUE EXPLICAR PARA AS PESSOAS DA ONDE A GENTE VEIO, QUAIS SÃO AS NOSSAS RAÍZES

De Carrera, Inciarte e Marín (2012) trouxeram a inspiração do sistema onde o início, meio e fim coexistem em movimentos interligados. Trazendo construções possíveis para a pesquisa em educação, que proponham:

Una aproximación situacional previa de las percepciones que poseen los actores sobre la naturaleza y alcance de los constructos de investigación, guiada por el abordaje de diversas fuentes primarias (testimonios, acontecimientos o acciones de informantes, interpretaciones del observador, textos) y el empleo de técnicas e instrumentos de recolección de información también diversos como la entrevista,

focus groups, perguntas, observación participante, notas de campo, registros de audio, escritura de memos y comparación constante, microanálisis de identificación de incidentes, análisis de contenido de fuentes documentales de apoyo, entre otros procedimientos (CARRERA; INCIARTE; MARÍN, 2012, p. 85).

Apresenta-se o sistema como uma forma de ampliar o conhecimento, como um leque em movimento para a abertura de mundo que, neste ver, deveria ser o espaço de uma pesquisa científica contribuinte nas intervenções e enfrentamentos no mundo que se apresenta cada vez mais complexo em um retrocesso global diante de uma escalada de políticas pseudonacionalistas. Por isso, nessa construção de uma metodologia científica, utilizam-se sistemas maiores que são formados de pequenos sistemas que aprimoram a técnica de pesquisa.

Figura 1 - Sistema através de uma reinterpretação epistêmica e metodológica



Fonte: Barbosa (2021), a partir de Carrera, Inciarte e Marín (2012).

A Figura 1 mostra repetições entre a fase exploratória-descritiva do referencial teórico e a fase explicativa-reflexiva da delimitação metodológica que expõe a necessidade de análise constante sobre a escolha do referencial; principalmente por proporem-se essas outras visões de pesquisa.

As sucessivas transformações ocorridas no campo do conhecimento frente às posturas epistemológicas, no que diz respeito ao problema estudado, permitiram que ganhassem força o movimento de recusa ao modelo positivista e a racionalidade instrumental. Com isso, efetivou-se a abordagem de pesquisas qualitativas, cujo modo de investigação beneficia sobremaneira o campo da educação, uma vez que permite valorizar a subjetividade, atribuir significados às coisas, às questões sócio-culturais e a seus diferentes contextos (PEREIRA; DIAS; LEMOS, 2017, p. 18).

Pereira, Dias e Lemos (2017) apresentam três diferenças para manter o rigor metodológico: os diferentes referenciais teóricos, as diferentes metodologias e as diferentes epistemologias. Isso para manter a qualidade da pesquisa, o que inclui, da mesma forma, a postura curiosa do pesquisador. A seriedade somada à curiosidade, articuladas no uso das técnicas, possibilita que o método, ou métodos, ultrapasse o espaço denominado “metodologia de pesquisa”, auxiliando o caminho desde o referencial teórico, da análise e suas interpretações.

Parece óbvio, entretanto, extrapolar - o que na matemática é não respeitar, para mais ou para menos, intervalos (limite) estabelecidos - o imposto normativo acadêmico do item “metodologia” que ainda é considerado uma falha, talvez porque apresentam, algumas vezes, descoladas do todo. Isso quando se deveria ver uma possibilidade de liberdade investigativa para além das etapas de descrição e análise, nas quais se recusam métodos conservadores como forma de reivindicação de novas concepções epistemológicas e metodologias que acompanhem os movimentos bruscos e acelerados da vida humana.

Cada uma das experiências valeu muitos aprendizados, abrindo possibilidades de contextualizar impressões acerca de mulheres professoras negras a partir da pesquisa qualitativa. A escuta das professoras negras pode, conforme Hooks (2019, p. 166), “fornecer um exemplo significativo” da conexão entre as pessoas. Uma escuta sobre os momentos decisivos que possam ter influenciado a não representação de professoras negras na fronteira oeste possibilitou reforçar a importância das discussões para o entendimento da formação docente, do racismo e da resistência dessas mulheres. Por isso, Hooks (2019) insiste ao afirmar que, mesmo a academia considerando uma escrita mais frágil, a importância de escrever momentos da vida, da natureza e das resoluções das pretas lutas é parte de uma reconciliação histórica com o passado, que não é da mulher negra, mas de toda uma coletividade.

Afinal, “todos os grupos têm explicações próprias que amparam sua personalidade comunitária, reconhecer isso permite respeitar o direito de dizer-se” (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p. 49). Grupos organizados como as categorias profissionais também se utilizam da história oral para explicar sua identidade comunitária. Nesse sentido, a história oral eleva o impacto de determinada carreira organizada nas realidades de vidas do sujeito em determinados contextos.

Isso determina o direito de todos os segmentos de fazerem a própria trajetória. A autonomia de “dizer-se” é base da interpretação democrática da história oral. Em contextos amplos, o direito de “dizer-se” implica possibilidade de outros se firmarem também como sujeitos capazes de, em se pensando, pensar a sociedade como um todo. Reafirma-se assim o principal preceito da história oral, a colaboração. A valorização do indivíduo e de seu grupo, sua consideração como personagens da

vida coletiva tendem a produzir respeito cidadão, pois, afinal, todos participam do coletivo e por eles se explicam, ou dele divergem (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p. 47).

A escrita também transforma-se em ato político ao utilizar uma linguagem mais acessível para que pessoas de fora da academia acessem o conhecimento ali debatido. Alertando para manter a vigilância sobre a consciência crítica, Hooks (2019) lembra que, ao manter-se distante a uma linguagem mais acadêmica, inclusive contrária, não significa ser anti-intelectual ou pouco profissional.

4 FALAR DA GENTE, COMO A GENTE CHEGOU NESSE MUNDO...

Diante do exposto, destaca-se a importância em descrever o processo, desenho, caminho metodológico, evitando confusões e desvalorização da prática da pesquisa ao não especificar os passos elaborados. Uma pedagogia estruturada a partir dos marcos referenciais da pauta negra, que deem conta do conteúdo que essas professoras pretas trouxeram. Portanto, uma metodologia imbricada na questão histórica brasileira contada, hegemonicamente, pela lente preta desta população que foi, por séculos, silenciada.

Importante perceber esses conhecimentos que podem colaborar, inclusive, nas metodologias acadêmicas. Um tema complexo como a interseccionalidade que, nesta pesquisa, tratou de raça, gênero e classe, estabelece outros caminhos que adensam a teoria, aproximando-a da realidade dentro e fora de espaços formais de educação. A sociedade não é linear, ela é formada por encruzilhadas, intersecções. E esta pesquisa apresenta uma possibilidade de ver que professoras pretas estão em diversos lugares, embora poucos estatisticamente.

Referências Bibliográficas

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 2009.

BARBOSA, Izabel Espindola. **Nossas professoras pretas: por uma pedagogia preta feminista**. 2021. 123 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2021.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Cidadania em preto e branco**. São Paulo: Ática, 2006.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Pólen, 2019.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CARRERA, María; INCIARTE, Alicia; MARÍN, Freddy. Sistema metodológico de investigación desde la perspectiva crítica de diversos actores sociales. **Multiciencias**, Punto Fijo, v. 12, p. 81-87, jan./dez. 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=90431109013>. Acesso em: 10 fev. 2020.

COLLINS, Patricia Hill. Epistemologia feminista negra. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOQUEL, Ramón (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2. ed. 3. reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 139-170.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

GAGO, Paulo Cortes. Questões de transcrição em Análise da Conversa. **Veredas – Revista de Estudos Linguísticos**, Juiz de Fora, v. 6, n. 2, p. 89-113, jul./dez. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25285>. Acesso em: 23 nov. 2020.

GOLIN, Tau. I Encontro: Por que colocar NósOutros Gaúchos em questão? Quais são nossos sintomas sociais? Qual o mal-estar e sofrimento que produzem?. In: BETTS, Jaime; ROBIN, Sinara (Orgs.). **NósOutros gaúchos: as identidades dos gaúchos em debates interdisciplinares**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017. p. 55-62.

GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOQUEL, Ramón (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2. ed. 3. reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 223-246.

HOOKS, Bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Tradução: Cátia Bocaiúva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, Bell. **Não sou eu uma mulher: mulheres negras e feminismo**. Lisboa: Plataforma Gueto, 2014. Disponível em: https://plataformagueto.files.wordpress.com/2014/12/nc3a3o-sou-eu-uma-mulher_traduzido.pdf. Acesso em: 12 dez. 2018.

LEITE, Luiz Osvaldo. I Encontro: Por que colocar NósOutros Gaúchos em questão? Quais são nossos sintomas sociais? Qual o mal-estar e sofrimento que produzem?. In: BETTS, Jaime; ROBIN, Sinara (Orgs.). **NósOutros gaúchos: as identidades dos gaúchos em debates interdisciplinares**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017. p. 44-49.

MACEDO, José Rivair. IV Encontro: Qual a visão dos outros sobre a cultura gaúcha e os modos de ser dos gaúchos?. In: BETTS, Jaime; ROBIN, Sinara (Orgs.). **NósOutros gaúchos: as identidades dos gaúchos em debates interdisciplinares**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017. p. 206-212.



MATTOS, Regiane Augusto de. **História e cultura afro-brasileira**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de história oral**: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

PEREIRA, Vilmar Alves; DIAS, José Roberto de Lima; LEMOS, Luciane Oliveira. Caminhos epistemológicos e metodológicos. *In*: PEREIRA, Vilmar Alves; CLARO, Lisiane Costa (Orgs.). **Epistemologia e metodologia nas pesquisas em educação**. Passo Fundo: Méritos, 2017. p. 11-29.

RATTS, Alex; RIOS, Flavia. **Lélia Gonzalez**. São Paulo: Selo Negro, 2010.